

Partisans ou trabalhadores? Figuras do protesto da Bielorrússia e suas perspectivas

FONTE: [Left East](#) | 15/08/2020 | TRADUÇÃO: Charles Rosa

Os protestos desta semana na Bielorrússia superaram claramente seu foco eleitoral inicial e se transformaram em um movimento dissidente em expansão da classe média urbana e dos trabalhadores. Em um artigo recente (4 de agosto) para a plataforma da Open Democracy na campanha presidencial na Bielorrússia, tentei explicar por que os candidatos da oposição da elite governante e da “classe criativa” atraíram um número recorde de apoiadores, o que levou a manifestações de massa invisíveis neste país há décadas.

Argumentei que isso foi o cume de um sentimento de protesto que fervilhava na sociedade bielorrussa desde a crise econômica de 2009, que encontrou expressão em 2017 na forma de protestos populistas populares desafiando a retórica populista degradante de Lukashenko. Antes das eleições mais recentes, seu principal oponente, Sviatlana Tsikhanouskaya, começou a articular um discurso populista antiautoritário que apelava a uma aliança entre as classes de empresários, jovens profissionais e trabalhadores.

Neste artigo, reflito sobre as perguntas que fiz há duas semanas, sobre o papel da liderança e das massas nos protestos atuais, as formas de sua organização e a reação do Estado bielorrusso. Minhas reflexões são baseadas em uma maratona de seis dias de digestão de fragmentos de informação vindos da névoa da censura, interrupções da Internet e propaganda, bem como das comunicações com meus camaradas na Bielorrússia.

Também estou construindo minha experiência de trabalho de campo entre trabalhadores bielorrussos e ativistas sindicais em 2015-2017, que conduzi como antropólogo social.

Depois de um dia eleitoral nervoso em 9 de agosto, quando os observadores relataram numerosas irregularidades nas seções eleitorais, as pesquisas pró-governo deram a Lukashenko seus tradicionais 80% dos votos, enquanto seu principal rival, Tsikhanovskaya, recebeu quase 7%. Esses apoiadores da oposição enfurecidos se uniram sob o slogan “Eu / Nós somos os 97%”, com dados retirados de sua contagem alternativa sugerindo que Tsikhanouskaia obteve 45%. Ambos os lados começaram a se preparar para um confronto: o centro de Minsk foi isolado, as conexões de Internet e móveis foram interrompidas e caminhões de arroz e policiais de choque apareceram nas ruas. Tanto Tsikhanovskaya quanto Lukashenko pediram aos bielorrussos que cumpram a lei e se abstenham de violência, embora os canais de TV estaduais tenham acusado os manifestantes de prepararem provocações, enquanto os canais de oposição do Telegram pediram resistência à polícia.

Na noite da eleição, as pessoas foram às ruas não por Tsikhanovskaya, mas contra Lukashenko. A líder da oposição não estava em sintonia com seus apoiadores: ela não convocou protestos, enfatizando os meios legais e burocráticos de contestar o resultado oficial das eleições. Depois de ter votado, as pessoas começaram a se reunir em Minsk e outras cidades, mesmo antes do anúncio da contagem de votos alternativos. Os números oficiais significavam que nada havia mudado supostamente desde a primeira eleição de Lukashenko em 1994, mas a essa altura estava claro para todos que muito realmente havia mudado.

Reuniões em massa autorizadas são raras na Bielorrússia, e naquela noite definitivamente não haveria uma. Milhares de pessoas indo de todos os cantos de Minsk para o centro da cidade fortificada foram confrontados com granadas de choque, canhões de água e balas de borracha. Vários grupos

descoordenados tentaram construir barricadas. Essa foi uma repressão sem precedentes para Minsk, acostumada a prisões seletivas ou rápida dispersão de multidões compactas, em vez de flashes e explosões que lembram uma operação militar. Conflitos sérios também ocorreram em muitas cidades e vilas provinciais, algumas das quais não viram locais semelhantes desde a Segunda Guerra Mundial.

Ilustrando a natureza socialmente diversa da mobilização pré-eleitoral, o levante pós-eleitoral assumiu um amplo escopo geográfico desde o início – com centenas de pessoas tomando as ruas em todos os centros regionais, bem como em muitos outros assentamentos, muitas vezes por pela primeira vez em uma geração. Outro sinal inicial: a multidão, que parecia impressionantemente grande, da ordem de centenas de milhares em Minsk e muitos milhares nos centros regionais, movia-se caoticamente pela cidade, enquanto a tropa de choque tentava expulsar as pessoas dos espaços públicos. A violência policial, a falta de liderança ideológica e estratégica central entre os manifestantes e a natureza descentralizada dos protestos determinarão seu desenvolvimento.

Partisans pós-modernos?

Parece que a maioria dos manifestantes estava participando desses eventos pela primeira vez: os analistas chamam os jovens que saíram às ruas de “geração invencível”. Não havia grupos organizados visivelmente compactos prontos para manobras táticas sérias, por exemplo, a apreensão de edifícios administrativos, um ‘black bloc’, o desarmamento da polícia, a construção de barricadas duradouras ou acampamentos de tendas, o uso de armas improvisadas, etc. Isso foi em grande contraste com os protestos eleitorais anteriores na Bielorrússia em 2001, 2006 e 2010, que imitaram o padrão estabelecido de “revoluções coloridas” na Sérvia, Geórgia e Ucrânia. O estado, por sua vez, demonstrou sua capacidade de suprimir a multidão usando métodos de controle de distúrbios de nível ocidental. Embora a Bielorrússia seja frequentemente referida como um

estado repressivo, o conhecido “arsenal parisiense” de bombas de gás lacrimogêneo, canhões de água, balas de borracha e granadas de choque foi usado aqui em grande escala pela primeira vez. As tecnologias ocidentais de violência foram complementadas pela tradicional brutalidade policial pós-soviética: espancamento e detenção de pessoas aleatórias, tortura, humilhação e, às vezes, ameaças de estupro na prisão, caça a jornalistas, etc.

O estado não tentou confiar em métodos mais suaves para provar sua legitimidade. A mídia estatal, em vez disso, silenciou sobre o descontentamento das massas, resultados dispersos em alguns constituintes indicando a derrota de Lukashenko foram ignorados e declarações rituais sobre a interferência estrangeira continuaram. As raras aparições de Lukashenko na tela geraram rumores de sua partida para a Turquia ou de problemas de saúde. Sua reação aos protestos foi um conselho aos participantes para “encontrar um emprego de forma amigável” para que eles não “andassem pelas ruas e avenidas”: uma recaída em seus discursos anteriores contra o “parasitismo social”, que só acrescentou um insulto ao lesão para os manifestantes. O recurso ao terror policial tornou-se óbvio nas horas e dias seguintes. Depois de 10 de agosto, Minsk caiu em estado de sítio de facto: locais públicos foram bloqueados, estações centrais de metrô foram fechadas, acesso à Internet foi limitado (Lukashenko alegou que alguém do exterior foi o responsável pelo fechamento) e algumas empresas no centro de a cidade foi fechada à noite. Mesmo que os manifestantes se recusassem a imitar o ucraniano ‘Maidan’ com sua intensidade de guerra civil nos últimos dias de fevereiro de 2014, o estado bielorrusso queria que eles acreditassem que não estavam em Minsk, mas em Kiev – tentando evocar através do trovão e relâmpagos de armas policiais as afirmações do regime de que todos os protestos levarão inevitavelmente ao desastre ucraniano. Dada a falta de substância na ideologia oficial do estado, a violência tornou-se sua única ideologia remanescente. Nenhum dos líderes da oposição se juntou à

multidão ou fez declarações radicais. O movimento de oposição revelou-se, em geral, amorfo, sem uma liderança clara no topo e nenhum líder vindo de baixo. Ao mesmo tempo, a elite dominante não mostrou sinais de divisão, o aparato de segurança e a burocracia em geral permaneceram leais, embora tenha havido sinais de hesitação nos níveis mais baixos e regionais (com vários jornalistas da mídia estatal e policiais renunciando).

Ao longo desses cinco dias, as mobilizações de protesto nas ruas das cidades bielorrussas estiveram o mais perto que se chega da resistência descentralizada, horizontal e sem liderança em rede que os anarquistas pós-modernos imaginam. A oposição não participou dos protestos para começar, enquanto as autoridades bielorrussas escoltavam Tsikhanovskaya e seu coordenador de equipe para a Lituânia.

Desde que o marido de Tsikhanovskaya e alguns membros de sua equipe foram presos, ela não pode fazer declarações radicais. Em seu último vídeo ela parecia assustada e deprimida; ela disse que “nenhuma vida vale a pena perder pelo que está acontecendo agora”, e insinuou ameaças a seus filhos. Nem um único líder da oposição permaneceu em liberdade ou no país. O canal Telegram do marido de Tsikhanovskaya, que alimentou as mobilizações eleitorais antes, não fornece orientações ou coordenação claras e fica atrás de outras redes sociais anônimas no relato de eventos.

Não existe um centro de coordenação central do protesto, nem centros locais, nem líderes visíveis nas ruas, nem grupos políticos identificáveis. Acredito que alguns grupos políticos já existentes estão participando dos protestos, mas não são visíveis como “unidades táticas” separadas: ou estão desorientados, ou profundamente disfarçados, ou participam como indivíduos.

Isso é em parte por necessidade, já que qualquer pessoa suspeita de liderar os protestos seria imediatamente detida e

qualquer reunião pessoal seria rapidamente dispersada. É impossível imaginar algo como "Occupy" ou Gezi Park em Minsk atualmente, porque os principais locais públicos estão bloqueados e controlados pela polícia. As barricadas duram pouco e não se trata de apreensão de edifícios administrativos.

Em parte, no entanto, isso é um legado de mobilizações de rede anteriores. Quase dois milhões de assinantes, igual a toda a população da capital, seguem Nexta_live, um canal do Telegram criado há dois anos por um jornalista bielorrusso da Polônia. Apesar de sua retórica radical, conta com vídeos, fotos e informações fornecidas por assinantes de vários lugares do país, mas sem muito contexto. Este também é o caso de uma dúzia de outros canais de protesto que tenho seguido. As mensagens costumam ser enganosas, contraditórias e não verificadas. É razoável acreditar que alguns desses canais estão sendo usados pelos serviços especiais de segurança para instigar provocações e obter informações sobre os planos dos manifestantes.

Muitos já compararam esses protestos à gloriosa tradição partidária bielorrussa da Segunda Guerra Mundial. É claro que isso é um exagero, já que os guerrilheiros na verdade tinham uma cadeia de comando e uma liderança estratégica e ideológica real. Eles poderiam reunir recursos e concentrá-los em um espaço relativamente seguro, desenvolver planos táticos e executá-los enquanto esperam por um exército regular. Nada disso está acontecendo dentro dessa revolta pós-moderna. Diante da presença cada vez maior de milícias e unidades do exército que usam métodos ostensivamente brutais, os manifestantes realizaram algumas ações agressivas esporádicas com fogos de artifício, bastões, alguns coquetéis molotov e a montagem de algumas barricadas frágeis. A resposta foi a mesma: detenções, espancamentos, ferimentos e uma morte confirmada.

No entanto, uma reviravolta decisiva nos acontecimentos pode

ocorrer com o possível uso de métodos mais tradicionais. Como parte da campanha de protesto, uma greve geral foi anunciada para 11 de agosto. As consequências potenciais são claras para quem conhece as greves de abril de 1991 na Bielorrússia, o famoso espetáculo de cem mil trabalhadores em frente ao edifício do governo construtivista em Minsk Praça Lenin. Foi seguida por uma onda de greves e manifestações de massa, que durou uma semana e envolveu mais de 80 empresas em Minsk e em todo o país. Isso desmoralizou o Partido Comunista da Bielorrússia e precipitou o colapso da União Soviética. Mas em 1991 havia células de organizações de trabalhadores antigovernamentais, às quais se juntaram alguns sindicatos oficiais, bem como o exemplo de greves de mineiros bem-sucedidas na Ucrânia, Rússia e Cazaquistão.

De que lado estão os trabalhadores?

Se você está cético em relação à classe trabalhadora, ouça o chefe do Centro Bielorrusso de Mises: “A atividade de protestos tenderá a zero até que o proletariado se junte”. Como nos “bons velhos tempos”, os trabalhadores agora têm mais recursos para se reunir pacificamente em ambientes fechados, sem depender da agora precária internet e sem medo de serem presos na rua. Eles também são a única classe que pode causar danos materiais ao Estado e desafiá-lo ideologicamente. Os trabalhadores industriais bielorrussos têm experiência de cooperação e coordenação, algum tipo de estrutura organizacional, por mais burocrática que seja, e o hábito de formular demandas claras. Meu trabalho de campo entre trabalhadores bielorrussos e ativistas sindicais em 2015-2017 me ensinou a ter muito cuidado para não superestimar o potencial do trabalho organizado neste país, mas se houver esperança de resolver o impasse que o protesto entrou na Bielorrússia em um modo pacífico e progressista, isso só pode acontecer graças a um grupo organizado de trabalhadores que entendem, formulam e defendem seus interesses.

Já existem muitos relatórios dispersos sobre a agitação em

algumas empresas industriais estatais bielorrussas, incluindo a Fábrica de Automóveis de Minsk, a maior produtora mundial de caminhões basculantes BelAZ e a fábrica de produtos químicos Grodno Azot, que são fundamentais para a economia do país. No entanto, isso está longe de ser uma greve geral, e eu seria cauteloso quanto às perspectivas de que isso se materialize. A classe trabalhadora bielorrussa está atomizada e individualmente dependente dos patrões em todos os níveis. Não houve greves em grande escala desde a década de 1990, os sindicatos que não são cooptados pelo estado são poucos (apenas cerca de 9000 membros) e carecem de recursos. Os ataques espontâneos que aconteceram antes foram rapidamente suprimidos.

Uma greve política é uma ótima ideia agora, porque o estado ainda detém o comando da economia e emprega 45% dos trabalhadores do país. No entanto, não estamos mais em 1991, com sua complexa camada de conflitos dentro da elite dominante e com a autonomia relativa dos trabalhadores nas fábricas. O atual regime de regulamentação trabalhista da Bielorrússia é pior para os trabalhadores do que durante o final do período soviético, combinando o despotismo burocrático do passado soviético com o despotismo de mercado do presente capitalista.

No entanto, espero e suspeito que alguma forma de organização espontânea esteja ocorrendo em nível de fábrica, como pode ser visto nos vídeos e relatos de centenas de trabalhadores se reunindo para apresentar suas demandas a seus superiores e insistir em sua implementação. Essas demandas são: a recontagem dos votos, garantias de que os participantes dos protestos de rua não sejam demitidos, a libertação dos detidos, a restauração do acesso à Internet; também representam uma expressão de desconfiança nos sindicatos oficiais.

Essas são demandas “políticas” trazidas das ruas, mas demandas econômicas mais urgentes já podem ser vistas nas paredes das fábricas. Uma citação de um folheto postado em algum lugar na

fábrica de trator de Minsk é ilustrativa:

A fábrica ainda está viva graças aos seus trabalhadores!

Sem faca de torno? Vá buscá-lo em Zhdanovichy [uma vila perto de Minsk, aqui: um lugar longe e de difícil acesso]. Seu chefe não te deu roupa de trabalho? Foda-se, vou comprá-lo no mercado. Em seguida, o chefe pedirá que você fique após o término de seu turno, porque "você precisa cumprir o plano". Você recebe seu salário e entende que está ferrado. Você reclama com o sindicato, mas já sabe a resposta. Você recebe um acidente de trabalho e o registra como um acidente fora do trabalho porque 'Bem, você entende ...'.

Cansado de tudo isso, certo?

A melhor forma de influenciar os patrões é entrar em greve. Não há necessidade de ir à praça e bater o capacete no pavimento. Basta trabalhar com as regras [...] Exigir que cada etapa do processo tecnológico seja realizada de acordo com a regulamentação. Este é o seu direito. Tanto quanto um salário decente e eleições justas são seus direitos que foram tirados de você.

Quer entrar, mas tem medo de ser demitido? Lembre-se de que nenhum ideólogo desprezível tomará seu lugar na máquina.

O governo de Lukashenko começou com um impasse sangrento com trabalhadores do metrô em greve em 1995, que foram cruelmente dispersos, espancados e despedidos. Seu governo ficou mais rígido depois que ele conseguiu dividir e subjugar a gigantesca Federação de Sindicatos, cujo presidente o desafiou nas eleições de 2001.

O 'modelo bielorrusso' foi construído para fragmentar, disciplinar, subornar e privar o proletariado da sua identidade. Em troca de serem privados de sua subjetividade de classe, os trabalhadores receberam a oferta de preservação do emprego, restrições à comercialização da esfera social, contas

de luz baixas e uma promessa ritual de \$ 500 salários. Tomando emprestada uma frase gramsciana, chamo isso de “revolução passiva” da Bielorrússia: um caminho autoritário de transformação pós-socialista, estimulado e mediado pelo medo de protestos espontâneos emergindo de classes sociais antagônicas. Talvez os trabalhadores possam mudar a direção desse processo, recuperando sua subjetividade. Definitivamente não vai acontecer durante a noite ou esta semana, mas não consigo pensar em outra utopia otimista para resolver o impasse atual.

Minha convicção de que o trabalho organizado, e não um movimento descentralizado em rede sem lideranças, é o único agente capaz de formular requisitos claros e fazer as autoridades ouvirem, pode ser ilustrada por um vídeo do encontro entre trabalhadores da fábrica de BelAZ e o prefeito de Zhodino , que ocorreu em 13 de agosto. Na hora do almoço, várias centenas de trabalhadores se reuniram do lado de fora dos portões da fábrica e se reuniram com seu diretor e depois com o prefeito. A conversa foi tensa, mas respeitosa. O prefeito parecia confuso e tímido. Os trabalhadores exigiram que seus colegas, parentes e amigos fossem libertados do centro de detenção provisória, que as forças especiais fossem enviadas para fora da cidade (“Por que precisamos de um salário se somos espancados?”), E seus votos recontado. Eles insistiram que sua cidade estava segura e que estavam no controle da situação. O prefeito, é claro, não pôde fazer promessas claras, mas concordou em se encontrar com os trabalhadores do lado de fora da fábrica à noite para discutir suas reivindicações. Ele foi despedido com as palavras “Obrigado!” e gritos de “O prefeito com o povo!”. A planta não parou de funcionar, mas depois de assistir ao vídeo, fico menos cético quanto à possibilidade de uma paralisação real prolongada. Até agora, este é o único canal pelo qual os manifestantes podem forçar as autoridades a uma espécie de diálogo em nível local. Se o governo central cortar essa oportunidade, isso será apenas em seu próprio detrimento.

Mais tarde naquele dia, o prefeito finalmente se encontrou com uma enorme multidão de trabalhadores da BelAZ e outros habitantes da cidade. Em vez de explodir granadas de choque e sons de balas de borracha, uma longa e não muito frutífera conversa ocorreu sobre a falsificação de eleições, a violência da polícia de choque e a necessidade de libertar os detidos no centro de detenção provisória local, muitos dos quais foram trazidos de Minsk.

Depois de proferir uma variação sobre seu tema favorito de “despir-se e trabalhar”, Lukashenko também “ouviu a opinião de coletivos de trabalho” e prometeu “lidar” com a indignação policial, e o chefe de polícia se desculpou pelos excessos. As autoridades começaram a recuar, mas as pessoas não ficaram totalmente satisfeitas e a situação continua a evoluir.

Ao terminar este artigo, em 14 de agosto, a Fábrica de Trator de Minsk se levantou. Os trabalhadores estavam muito hesitantes e ansiosos no dia anterior, eles não podiam decidir quando e como reunir e o que fazer. Mas milhares deles, no entanto, se reuniram em frente aos portões de suas fábricas e marcharam em direção ao centro da cidade, acompanhados por vários outros manifestantes, os ‘guerrilheiros pós-modernos’ mencionados acima. Este foi um dia calmo, a tropa de choque ficou em guarda, mas não dispersou a multidão. A rota era a mesma de 1991: do distrito industrial Partizan de Minsk até a Praça da Independência, anteriormente conhecida como Praça Lenin ...

Volodymyr Artiukh é PhD em Sociologia e Antropologia Social; membro do conselho editorial do Commons: Journal of Social Critique.